

## Serviços Culturais

Meu caro Amigo!

As maravilhas descultas por si agora vir a agradecer a magnífica festa do espírito comemorativo do "Primeiro Manifesto Terratista", que muito me desvaneceu. Obrigado e, por fim, ao número de um mês infernal em que tive de me concentrar, de a tua e coração, na evanescência de tudo e de tudo em tudo, mas a existência da pinda parece melhor. Felizmente, tudo correu bem, tendo sido o necessário conforto e apoio. Traduziu-se isso, por fim, no bom dia, agradecimento da sua gentileza, facto de que agora me venha. Bem haja!

Não calcula o gozo que tive em voltar-te a encontrar, e quando da visita da S.ª para do Alfredo Menzardi! Disponha sempre da minha casa e deste seu amigo

grato e dedicado

Paulo Lopes Paulo

64  
19.6.75

01.75

UM PAÍS  
NOVO  
MFA  
POVO



*Companhia  
de Diamantes de Angola*

(DIAMANG)

SOC. ANON. DE RESPONS. LIMIT.

SEDE EM LISBOA

R. DOS FANQUEIROS, 12, 2º

UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

*F. M. S. S. S.*  
*Artur Manuel do Cruzeiro*  
*Leixões*

*V. Verde da Amareloina*  
*33 - 3.º Div*

*LISBOA-5*

*João Paredes*

---



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

Póvoa de Santo Adrião, 3 de Novembro de 1988

Caro Amigo

Só hoje consegui um pouquinho de tempo livre para lhe traçar estas linhas e agradecer o magnífico postal que guardarei enquanto viver, no qual tece algumas considerações sobre o produto da minha pequena contribuição na Imprensa de Lisboa. Acordei da inércia de tantos anos, esmagado pelo peso das responsabilidades que procuro vencer com grandes dificuldades. A minha recente actidade num órgão bimestral do Sindicato onde me encontro filiado, vai continuar durante um certo tempo, pelo menos enquanto tiver a possibilidade, pelo menos enquanto eu puder discernir com claresa num mundo cada vez mais difícil... Quem nos dera que o nosso mundo fosse como antigamente "um tempo inesquecível, de gausi completa harmonia entre todas as coisas..." (este parágrafo faz parte do texto escrito por si no postal que me endereçou em 25/10/88).

Junte envie ao meu Amigo ALGUMAS CONSIDERAÇÕES AO 1º. VOLUME. OS KYAKA DE ANGOLA. EDIÇÕES TÁVOLA REDONDA. LISBOA. 1988. DA AUTORIA DE MESQUITELA LIMA. E não sei se o meu Amigo Cruzeiro Seixas já ouviu falar em tal criatura. Se não ouviu falar então leia o conteúdo do documento que lhe envie. Envie-lhe também três páginas fotocopiadas do referido 1º. Volume. Se o quiser adquirir é fácil. Faça-o quando vir a Lisboa eu pod' pedi-lo contra reembolso. Pelo magnífico tesouro vai desembolsar cerca de 2.000\$00. Pelo sim, pelo não, perca o amor aos dois mil escudos e adquira o 1º. Volume de OS KYAKA DE ANGOLA.

Na volta de correio diga-me alguma coisa sobre o assunto. As fotocópias não as devolva. Guarde-as para as mostrar aos Amigos. Mas cuidado. Verifique se entre os Amigos não se encontra algum traidor, como o JUDAS que atraçou JESUS CRISTO POR TRINTA DINHEIROS... e eu posso ver-me em apuros, não obstante tudo o que afirmo ser tão verdade como eu me chamar Carlos Alberto Lopes Cardoso alve do desdém do Sr. Mesquitela Lima que se julga branco e uropeu....

Quando estiver com o nosso Amigo comum Martins não me esquecerei de lhe transmitir o abraço que lhe envia.

Receba um abraço do Amigo

Carlos Cardoso

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.75.01

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES AO 1.º VOLUME OS KYAKA DE ANGOLA. EDIÇÕES  
TAVOLA REDONDA. LISBOA. 1968. DA AUTORIA DE MESQUITELA LIMA

Por Carlos Alberto Lopes Cardoso

Vou tecer algumas considerações ao 1.º Volume do livro agora lançado, apadrinhado por Eric de Dampierre e Vitorino Magalhães Godinho. As considerações estendem-se também ao autor do livro do qual me ocuparei mais adiante. Ao Sr. Mesquitela Lima pouco importa a minha opinião. Mas quem sou eu para criticá-lo!?!... Para ele o que conta é o juízo daqueles que verdadeiramente estão abalizados a pronunciarem-se sobre o assunto que transcende à minha pessoa.

Do que já lí sobre o tema abordado pelo Sr. Mesquitela Lima e aquilo que me foi dado observar na sociedade Tshiaka (grafia que utilizo frequentemente, mais de conformidade com o som da palavra, pronunciada no idioma local, o Umbundu (1), por várias pessoas daquela etnia, que habitavam até finais do período colonial as aldeias que percorri entre os anos de 1970 a 1973 conforme explicarei mais adiante) ao contrário do Sr. Mesquitela Lima que optou pela grafia Kyaka. Não sei qual de nós os dois terá razão.

Começo por dizer que o autor do livro mente quando afirma que foi em 1969 que descobriu os Tshiaka e que tinha sido o primeiro europeu a penetrar no interior da Ombala Grande da Tshiaka. Antes de prosseguir, desejo esclarecer que o Sr. Mesquitela Lima não é europeu mas sim africano e que a Ombala Grande da Tshiaka, pelo menos quando ali estive, já havia sido visitada por muitos brancos, particularmente autoridades administrativas e tudo quanto fui observando constituia apenas uma tradição e muitos costumes haviam já caído em desuso. Os Tshiaka a partir do primeiro decénio deste século até finais do período colonial, foram uma sociedade em decadência largamente influenciada pela colonização portuguesa. A Ombala Grande da Tshiaka fica situada há cerca de dez quilómetros da antiga povoação comercial da Catanda e há cerca de quarenta quilómetros da vila do Cuma, importante centro comercial e agrícola atravessado pelo Caminho de Ferro de Benguela.

1 - Uma das principais línguas faladas no território da República Popular de Angola. Mais de dois milhões de pessoas expressam-se em Umbundu.

Os Tshiaka antes da colonização portuguesa habitavam as montanhas como refere Pinto de Balsemão (2) que em 1845 visitou a província de Benguela. Viviam da rapina, assaltavam as caravanas de carregadores que transitavam pela região, para se apoderarem das mercadorias que depois iam vender aos estabelecimentos comerciais do litoral.

Outros historiadores referem-se vagamente aos Tshiaka um povo de caçadores-agricultores e guerreiros, que resistiram ao longo de séculos às tribos vizinhas e aos portugueses, até que foram reduzidos à submissão no primeiro decénio deste século. Abandonaram gradualmente as montanhas para se estabelecerem em locais mais acessíveis, aos quais afluíam com o decorrer do tempo alguns comerciantes portugueses. Surgiram desse modo novos núcleos populacionais que se foram desenvolvendo.

O Sr. Mesquitela Lima mente quando afirma que nos anos em que a Brigada de Etnologia e Etnografia do Instituto de Investigação Científica de Angola - Universidade de Angola, esteve na região dos Tshiaka, permaneceu lá três meses em cada ano. Que eu saiba a nossa permanência teve uma duração relativamente curta das três vezes que estivemos na região. Trinta dias em cada ano.

Vou esclarecer melhor: Nos anos de 1970, 1971 e 1973, anos em que a Brigada da Divisão de Etnologia e Etnografia do IICA-UA percorreu o interior das províncias do Huambo e Benguela, precisamente para recolher elementos sobre a tribo Ovimbundu (3) dos Tshiaka, nunca estivemos lá mais do que trinta dias em cada ano, tempo insuficiente em minha modesta opinião para a realização de qualquer estudo que incida sobre determinada população a estudar. Mas o motivo de tão curto período de tempo justificava-se. Nós os acompanhantes do Sr. Mesquitela Lima não tínhamos qualquer experiência da vida nas comunidades rurais africanas. Fazíamos parte de uma sociedade urbana e nunca tínhamos convivido com as pessoas do campo com uma cultura própria já muito adulterada pela influência do colonizador português, por tal motivo a nossa estadia nas aldeias rurais de Angola constituía mais um passeio turístico. E relativamente ao Sr. Mesquitela Lima, também tenho as minhas dúvidas se ele tinha maior experiência do que nós, muito embora tenha pertencido ao quadro administrativo da colónia e

2 - Desempenhava as funções de Secretário Geral do Governo Geral da então denominada "Província de Angola e Suas Dependências". Nessa época a "Província de Benguela" constituía uma Dependência da dita "Província de Angola".

3 - Agrupa várias etnias dispersas pelas províncias de Benguela, Huambo e região ocidental da província do Bié também habitada pelos TSHOKWE (Quiocos).

viveu durante alguns anos na província da Lunda (actual província da Lunda-Sul com capital em Saurimo, antiga Henrique de Carvalho. O Governo da República Popular de Angola fragmentou o antigo distrito da Lunda em dois. Cerca de metade do território passou a designar-se oficialmente província da Lunda-Norte com sede na vila de Lukapa. A outra metade passou a designar-se oficialmente Lunda-Sul) situação que ele soube aproveitar e aproveitar-se de todos quantos podiam valer-lhe para a elaboração dos seus trabalhos que foi publicando progressivamente quando pertenceu ao quadro do Instituto de Investigação Científica de Angola, na chefia de alguns departamentos, afastando obstáculos incómodos. Ele valia-se da autoridade <sup>que</sup> dispunha, primeiro como Chefe de Posto do quadro administrativo da colónia, sacando aos nativos as informações de que precisava e depois como chefe de Serviços no IICA. Durante a sua permanência na Lunda as suas relações com as populações rurais eram relações de trabalho apenas. O seu convívio era entre a comunidade branca ali residente.

Todo o material de campo pesquisado no terreno pela equipa que formava a Brigada da Divisão de Etnologia e Etnografia do IICA-UA durante os anos já referidos quando estivemos na região da Tshiaka foi trabalhado como matéria plástica pelo Sr. Mesquitela Lima, apoiado também por uma licenciada que nessa época trabalha no IICA-UA e da qual falarei mais adiante.

Os nossos apontamentos em cadernos de campo foram entregues ao Sr. Mesquitela Lima mal chegamos à Luanda e eu tive a tarefa mais ingrata; encarregado por ele fui incumbido de pesquisar montanhas de documentos avulso que nessa época chegaram ao Arquivo Histórico de Angola, numa tentativa de pescar algo sobre os Tshiaka para a realização do projectado livro do Sr. Mesquitela Lima que agora aparece editado em língua portuguesa.

Mas as minhas diligências foram vãs e tudo o que consegui localizar depois de algumas semanas de febril actividade, tinha pouca importância para o objectivo do Sr. Mesquitela Lima; escrever a história do povo Tshiaka dispersa e muito resumida em algumas publicações e que eu também resumi em escassas duas dezenas de folhas dactilografadas (4) que guardo há tantos anos em virtude de não conseguir publicá-la.

---

4 - A TSHIACA, ANTIGO REINO OVIMBUNDU DO PLANALTO CENTRAL. Subsídios para a sua História Social, Económica e Política. Dactilografado. 75 páginas com desenhos do Autor.

Durante a minha estadia na terra dos Tshiaka elaborei alguns relatórios em duplicado, cujos originais foram entregues ao Sr. Mesquitela Lima e as cópias ficaram em meu poder sem que ele soubesse, mas acabaram por se perder infelizmente, durante as mudanças de residência quando a cidade de Luanda era palco de uma guerra fratricida pela tomada do poder nos finais do período colonial. Quando regresssei definitivamente à Portugal com a família na Primavera de 1982 trazia apenas na bagagem alguns objectos de uso pessoal e alguma roupa. Quanto ao resto tudo ficou, ficou para sempre na terra onde nasci, onde dei os primeiros passos, onde aprendi a falar a língua dos meus antepassados que um dia já longínquo aportaram às praias do continente africano, onde se construíram cidades, vilas e aldeias, onde se falava e falará eternamente a Língua de Camões.

O material relativamente ao sistema de parentesco entre os Tshiaka que eu e o Mateus Neto elaboramos durante a nossa permanência nos anos já referidos, foi entregue por determinação do Sr. Mesquitela Lima à Dra. Maria José Vargas Quintas esposa de um oficial do exército colonial que fazia parte do M.F.A. que derrubou o fascismo em Portugal e consequente independência das colónias de África. Tinha nessa época o posto de capitão.

Em 1970, 1971 e 1973, quando empreendia a recolha de elementos sobre os Tshiaka nas aldeias da região, o Sr. Mesquitela Lima chegou ao exagero de proibir-me fotografar e escrever fosse o que fosse, além do estabelecido por ele, como se fosse dono da minha pessoa, da minha inteligência e da minha vontade. Mas eu que nunca tive nada de parvo ludibriei-o várias vezes, arquivando na minha memória todo o material que elaborava durante o dia nas minhas andanças pelas aldeias Tshiaka, para de noite, aproveitando o sono dos colegas, à luz de uma lanterna de pilha que trazia sempre comigo, anotar cuidadosamente em cadernos que camuflava durante o dia na minha bagagem, tudo quanto havia observado de dia. Foi desse modo que reuni alguma documentação para um trabalho que escrevi sobre os Tshiaka, já referido.

Quando estive com o Sr. Mesquitela Lima pela primeira vez aqui em Lisboa ele falou-me do dito livro "OS KYAKA DE ANGOLA" cujo original passado a stencil estava vertido em francês (língua que não falo) e mostrou-me várias fotografias que ilustravam a obra, numa delas estava eu e a equipa que acompanhou o Sr. Mesquitela Lima à terra dos Tshiaka nos anos já referidos. Suponho que tal trabalho que agora aparece editado em língua portuguesa (apenas o 1º. Volume, porque os outros serão publicados progressivamente como referiu o editor na sua intervenção durante o lançamento do livro, com muitas palavras elogiosas para o seu autor vaidoso e emocio-

nado) tenha serviço de Tese de Doutoramento para o seu ingresso no quadro Docente da Universidade Nova de Lisboa.

Na página 58 do 1º. Volume refere que quiz fazer de mim um etnólogo.. e que guiou os meus primeiros passos no mundo da ciência, situação que permitiu que eu escrevesse o primeiro livro; OS AXILUANDA, editado em 1972 pela Editorial CULTURANG de Luanda, tão contestado por ele só porque eu o publicara sem o seu conhecimento, daí o facto de terem arrefecido as nossas relações e as fricções foram-se dando ao longo de muitos anos até que em finais do período colonial cortamos relações. O nosso reencontro aqui em Lisboa na Primavera de 1982 remeteu ao esquecimento todo o passado tumultuoso. Do novo relacionamento derivou uma certa confiança da minha parte que culminou com a entrega em Outubro de 1987 de dois trabalhos da minha autoria; A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS ÁREAS CAMPESINAS DE ANGOLA. Contribuição para o seu Estudo. Dactilografado. 45 páginas e ALGUNS ASPECTOS DA VIDA DO POVO DA KISAMA. Dactilografado. 16 páginas. Tais artigos foram-lhe entregues depois de ele me haver prometido verbalmente que seriam inseridos num periódico da Universidade Nova de Lisboa e até hoje nada.

Muitas das suas afirmações no 1º Volume de OS KYAKA DE ANGOLA lançado 12 de Outubro de 1988, para cuja cerimónia fui especialmente convidado e que se realizou na Livraria BARATA à Avenida de Roma, 11-A, constituem para mim algumas dúvidas. Lá diz o ditado; em terra de cegos todo o esperto é rei... Como a matéria por ele abordada no seu primeiro e estou certo no segundo e terceiro volumes do livro que ele afirma com vaidade ser a melhor obra até hoje escrita sobre o continente africano e suas populações é desconhecida no meio académico ao qual ele pertence eis a razão da sua vitória... Mas se a bala lhe sair pela culatra!... Para sorte dele, no auge do seu sonho, OS KYAKA DE ANGOLA, que agora aparece editado em língua portuguesa é que o Dr. José Redinha, nome sobejamente conhecido em Portugal e no estrangeiro através da sua magnífica contribuição para um maior conhecimento das populações rurais de Angola e o Dr. Lopes Cardos antigo responsável da Divisão de Etnologia e Etnografia do IICA-UA já não pertencem ao mundo dos vivos, porque senão a música seria outra...

Na página 52 do 1º. Volume já referido afirma que Luís Lopes da Silva Neto ser Tshiaka, Ovimbundu portanto. Mas isso não é verdade. O jovem professor rural que nessa época vivia na regedoria da Tshiaka não tem definição étnica, porque culturalmente está ligado à cultura urbana. Filho de um enfermeiro de Catete, na província do Bengo, nasceu na cidade portuá-

ria do Lobito (província de Benguela). Estava habilitado com o 5.º ano dos liceus, correspondente hoje à nona classe, habilitações mais do que suficientes para o ingresso no funcionalismo público da colónia, mas como o pai era natural de Catete, localidade vizinha da terra do Dr. Agostinho Neto, o 1.º Presidente da República Popular de Angola, a PIDE vigiava todos os seus passos até que o internou na localidade onde o encontramos nos anos já referidos, na qual exerceu a sua actividade até finais do período colonial. A sua actividade política pró-MPLA também era vigiada pelos arredores das áreas circunvizinhas, situação que não permitiu o desenvolvimento entre as populações locais de quaisquer manifestações políticas até finais do período colonial.

Também refere que dois elementos da sua equipa nos anos atrás referidos serem etnógrafos. As pessoas em questão são, o Mateus Neto (aprendiz de feiticeiro), um pequeno-burguês que sabia os segredos do IICA e os podres que minavam aquela instituição do Estado, razão pela qual estava mal ligado ao Sr. Mesquitela. O outro indivíduo citado como etnógrafo sou eu. Qualquer um de nós, possuidores de alguns conhecimentos no campo da etnografia, tínhamos experiência limitada. Não éramos etnógrafos nem coisa parecida. Vou abrir um parêntese para esclarecer que o Mateus Neto um pequeno-burguês presunçoso e aldrabão que chegou ao exagero de se intitular "etnógrafo" tendo escrito até uma istória da carochinha... que tem como pano de fundo uma aventura protagonizada por um seu irmão, ex-militar do exército colonial que havia passado a disponibilidade por causa dos efeitos psicológicos da guerra atrás e sanguinária, sofrendo por consequente de uma depressão nervosa contínua e que se havia deslocado à província da Huíla em busca de um curandeiro para lhe pôr cobro ao sofrimento. Tal istória da carochinha nunca foi publicada dada a falta de credibilidade do seu autor um pretenso etnógrafo... O cretino é tão vaidoso que andava pelo menos enquanto permaneci em Angola, de mala repleta de papeis, facturas, apontamentos diversos sobre as suas aldrabices e na tampa da mala um pedaço de fita adesiva com a palavra "etnógrafo", motivo pelo qual os colegas troçavam em surdina quando o viam sair do seu gabinete de mala na mão, olhar de personagem importante. Não há dúvida que teve um bom mestre...

O Sr. Mesquitela Lima ao fazer alusão ao Dr. José Pedinha uma autoridade em etnografia angolana, com larga permanência na província da Lunda, refere que aquele cientista português só anos depois de ter publicado a carta "Distribuição Étnica de Angola" é que indicava numa nova edição a localização dos Tsiaka dispersos até finais do período colonial pelas províncias do Huambo e Benguela. Também refere que foi ele o autor da "Carta Étnica de Angola" editada pelo Instituto de Investigação Científica em 1970,

da autoria do Dr. Carlos Lopes Cardoso, já falecido. Sucumbiu de cancro na sua residência em Rio de Mouro em 1984.

Ficou-me a impressão que o livro do Sr. Mesquitela Lima, pelo menos o 1.º Volume do qual já li uma parte, ser uma compilação de várias obras sobre etnologia, à qual acrescentou o produto do trabalho de pesquisa no terreno pela equipa que com ele trabalhou nos anos de 1970, 1971 e 1973. A forma como ele aborda o problema, a situação em que coloca os seus colaboradores na recolha de material e os informadores aos quais distribuía dinheiro, cigarros e vinho, não revela, pelo menos dá-me essa impressão, trabalho de alto nível científico... Não desejo evidentemente contrariar os padrinhos da obra. No entanto estou em crer que só os entendidos em Etnologia e conhecedores do terreno pesquisado por ele e pela equipa que o coadjuvou poderão ajuizar. Com o material que ele confiscou tanto à mim como ao Mateus Neto, com o material elaborado por ele com base em dados bibliográficos e com o material bibliográfico recolhido por mim, O Sr. Mesquitela Lima poderia fazer uma obra mais valiosa. O método seguido por ele não parece ter evoluído, porque é o mesmo que utilizou durante o período colonial. Não seria quanto a mim, necessária uma introdução exageradamente grande e cansativa para dar maior volume ao livro que o vai tornar mais valioso. Em vez de contornar os problemas para não cansar o leitor, devia abordá-los directamente.

Afinal quem sou eu para criticar o "Rei Guilherme?..!" Este epíteto havia-lhe sido posto pelo falecido Dr. Carlos Lopes Cardoso de quem guardo tantas e tão boas recordações e servia de tema às nossas conversas durante os nossos breves encontros aqui em Lisboa. Falávamos do SENHOR DOUTOR MESQUITELA LIMA, DOUTORADO PELA ECOLLE DE AUTES ÉTUDES DA SORBONNE DE PARIS.

E os erros do Sr. Mesquitela Lima vão-se prolongando ao longo do seu 1.º Volume de OS KYAKA DE ANGOLA. Assim p. ex., chama distritos as actuais províncias da República Popular de Angola. Esqueceu-se de uma coisa por total falta de visão. Logo após a independência de Angola, as autoridades do país alteraram a divisão administrativa do território, situação que o Sr. Mesquitela Lima não devia ignorar mas deixou passar.

Também se refere não em termos gerais à UNITA e ao MPLA e isso implicará certamente que o seu livro não entre em Angola. O Sr. Mesquitela Lima nunca deveria fazer alusão ao antigo Ministro da Educação do Governo de Transição de Angola, Dr. Jerónimo Wanga, membro da UNITA. Deveria passar com uma esponja sobre a situação política do território, porque ele nem angolano é.

Como o Sr. Mesquitela Lima pretendia apresentar ao público, aliás restrito (apenas um grupo de amigos entre os quais alguns simpatizantes da UNITA, todos portugueses) no acto do lançamento do 1º. Volume de OS KYAKA DE ANGOLA, dois dos seus principais colaboradores, eu e a Maria Luísa Pólvora Dias que também reside aqui em Portugal, enviou-me convite através da Universidade Nova de Lisboa para dar maior ênfase ao acontecimento. Só que a ex-colega do IICA-UA não foi localizada para grande aborrecimento do Sr. Mesquitela Lima. Eu e ela constituíamos documentos vivos da sua aventura far westiana (pacífica claro), portanto era indispensável a nossa presença.

O apresentador do autor e do livro, o Professor Jorge Crespo, ex-aluno da cadeira de Antropologia dirigida pelo Sr. Mesquitela Lima e agora Docente da Universidade Nova de Lisboa, seu confrade portanto, teceu considerações elogiosas sobre Mesquitela Lima desde o seu ingresso no quadro administrativo de Angola, até a sua passagem rápida pela Ecole de Autes Études da SORBONNE de Paris e ascendendo com uma rapidês meteórica o patamar da hierarquia (Director do Museu de Angola (lugar também desempenhado pelo Sr. Luís Jardim Portela do qual foi afastado) Chefe da Divisão de Etnologia e Etnografia do IICA-UA, Director Geral dos Museus de Angola, Uije e Huila) lugares a que foi guindado pelo "padrinho" o falecido Professor Engenheiro Cannas Martins de quem o Sr. Mesquitela Lima conhecia os podres, situação aproveitada sábiamente. E foi deste modo que esteve em Paris pelo menos duas vezes e durante um longo período. Foi assim que organizou verdadeiras viagens de turismo... ao interior das províncias do Huambo e Benguela (1969, 1970, 1971 e 1973). Na última e derradeira viagem que nós, incluindo o Sr. Mesquitela Lima, fizemos à região dos Tshiaka em 1973, viajou connosco um estudante americano filho de um Professor de uma Universidade dos Estados Unidos da América ao qual o Sr. Mesquitela Lima mimoseou com um magnífico presente; um lote de máscaras africanas, de madeira, executadas por escultor Kikongo que nessa época trabalhava no Museu de Angola do qual o Sr. Mesquitela Lima era Director. Por ventura alguém teve a coragem suficiente para denunciar esse crime? Ninguém mexeu um dedo. As máscaras executadas por um funcionário pago pelo Estado, com materiais comprados pelo Estado foram acondicionadas numa mala e enviadas de avião para a pátria do TIO SAM.

Não sou a pessoa indicada para criticar a obra do Sr. Mesquitela Lima, porque nunca me sentei nos bancos da Universidade nem nunca me intitulei. etnógrafo, etnólogo, escritor, jornalista, poeta, etc.. Escrevi alguma coisa citada também na obra do Sr. Mesquitela Lima. Hoje escrevo num pequeno jornal pouco conhecido. Também faço alguma poesia. Mas acho que sou apenas aquilo que sou e nada mais... Estou convencido que a obra do Sr.

Mesquitela Lima tem mais parra do que uva...

Na página 58 o Sr. Mesquitela Lima cita com vaidade, porque ele é mesmo um poço de vaidade, que ele é o único "com formação universitária" afirmação desnecessária porque isso é demonstrado no frotispício do volume agora publicado, erro grosseiro que retira um pouco de mérito e não escapará evidentemente ao observador mais atento. Repetições há algumas e facilmente detectáveis.

Vamos agora ao cerne da questão:

Na página 58 já citada refere grosseiramente a circunstância de eu ser coxo, situação que é visível e que eu não procuro esconder. Sou coxo do membro inferior esquerdo.

Na página 58 refere-se à minha pessoa adjectivando-me de "mestiço" um "mestiço de português e angolana". Nenhum dos restantes colaboradores do Sr. Mesquitela Lima, caboverdiano mestiço, dois negros, uma branca e um branco a raça não é citada e só a mim é que ele lança o epíteto de "mestiço" tentando ultrajar a minha dignidade. Tal afirmação pode escapar ao leitor comum, mas ao observador mais experiente nestas matérias logo verificará tratar-se de uma grosseria propositada. Não é que eu me ofenda por me chamarem mestiço porque sei aquilo que sou enquanto o Sr. Mesquitela Lima parece ignorar que é mestiço e bem mestiço. Porventura os portugueses não são mestiços? Os ingleses não são mestiços? Os franceses não são mestiços, Os espanhóis não são mestiços? Quem é que no mundo não é mestiço? Talvez só o Sr. Mesquitela Lima um mestiço caboverdiano com pretensões à branco e europeu...

Por este país passaram muitos povos, desde os nórdicos aos da Europa mediterrânica, norte-africanos, árabes e negros. Estes últimos estiveram neste país até finais do Século XVIII na qualidade de escravos e eram utilizados na limpeza da cidade de Lisboa e no transporte de água para as casas de gente abastada. Tinham uma confraria própria, a de Santo António dos Pretos cuja igreja ainda existe, na rua das Portas de Santo Antão e viviam em locais apropriados. Um desses locais ficou conhecido com o nome de Rua das Pretas logo à seguir a Rua do Telhal, nas proximidades do Elevador da Bica. Há ainda a Rua do Poço dos Negros, local onde existiu um poço que abastecia de água a cidade e de onde os negros escravos retiravam o precioso líquido para o distribuírem de casa em casa de gente mais abastada.

Quando o Marquês de Pombal aboliu a escravatura em Portugal, todos os negros residentes em Lisboa foram enviados para uma localidade à escassos quilómetros da capital que logo passou a ser denominada Santo António dos Pretos. E os negros misturaram-se com a população local, daí a aparição de uma população mestiça com caracteres faciais do africano negro.

Mas o que o Sr. Mesquitela Lima ignora é que eu sei acerca da família dele. São todos mestiços caboverdianos. A esposa dele é branca natural da antiga cidade de Silva Porto na província do Bié. O pai dela era um funcionário superior dos CTT de Angola. A mãe dela suponho que ainda vive, era professora do ensino primário e foi durante muitos anos colega de meu falecido pai. Os filhos do Sr. Mesquitela Lima são mestiços, dois deles nascidos em Luanda e um em Lisboa.

Porventura o Sr. Mesquitela Lima ignora que não houve terra por onde os portugueses passassem que não deixassem descendência. Que o digam os brasileiros com mais de vinte milhões de mestiços, para não falar dos caboverdianos onde mais de 80% da sua população é mestiça. Que o digam os santomenses, os guinéus, os angolanos, os moçambicanos, os macaenses e os próprios timorenses ontem libertados do jugo colonial português e hoje submetidos ao regime ditatorial de Djakarta.

Conheci pessoalmente a mãe do Sr. Mesquitela Lima, uma mestiça morena de cabelo liso encrespado. Conheci um primo do Sr. Mesquitela Lima um mulato caboverdiano já falecido e meu contemporâneo no Liceu em Luanda. Sei que tinha o apelido de Lima e era primo do Sr. Mesquitela Lima, mas não tinha preconceitos racionais nem de fidalguia. Era uma belíssima criatura. Casou com uma negra de Luanda, filha do famoso atleta negro já falecido natural de S. Tomé e foi o primeiro português a conquistar um título nas Olimpíadas na década dos anos vinte. Chamava-se Demóstenes de Almeida e era neto do Barão de Água-Izé, mestiço natural de S. Tomé.

Conheço a irmã do Sr. Mesquitela, a Hermengarda Mesquitela Lima, uma mestiça de pele clara e mais clara que o Sr. Mesquitela Lima. Tem a palidez das mestiças e os caracteres faciais mal encobrem a origem negro africana. Parece-me que só o pai do Sr. Mesquitela Lima que não conheci é que era branco caboverdiano, provavelmente de origem euro-africana. Eu nunca quis passar por aquilo que não sou e levo uma vantagem sobre o Sr. Mesquitela Lima sou filho e neto de portugueses naturais de Portugal.

Minha mãe uma mestiça de pele clara e cabelo ondulado é filha de um emigrante português natural de Tras-Os-Montes.

Minha avó materna, uma mestiça morena, era filha de um mestiço de pele clara (filho de branco e mulata) e de uma mestiça de pele escura.

O trisavó de minha mãe, um mestiço chamado Jozé Vaz Contreira nascido em 1808 e falecido em 1868 era filho de um latifundiário português de origem espanhola nascido no Brasil (Francisco Vaz Contreira) e de uma negra de Angola.

O Sr. Mesquitela Lima ousa atingir a minha dignidade ao referir na página 58 do seu livro, que "Carlos Lopes Cardoso é mestiço filho de angolana e portugueses". Ao adjectivar-me de "mestiço" e de "angolana" à minha mãe para não lhe chamar mulata está a ser racista. Sendo o Sr. Mesquitela Lima um mestiço tenta desesperadamente passar por branco adjectivando os outros de "mestiço". Vejamos quem é mais mestiço; eu ou ele?

O livro do Sr. Mesquitela Lima vai ser posto à venda pela Livraria BARATA e todos quantos o comprarem atraídos pelo título sugestivo não precisam de saber se os componentes da equipa que se vêem na fotografia são desta ou daquela raça, se são castanhos, azuis ou amarelos, se são coxos da perna. As pessoas têm olhos e raciocínio e logo verão que entre os membros da equipa figuravam indivíduos não brancos (os negros propriamente ditos), mas tal situação não altera o conceito que possam fazer da obra nem o mérito que ela possa conter. É um livro sobre a África negra onde não viviam apenas os negros.

Durante a mostra de slides à cores eu apreço várias vezes, algumas ao lado do Sr. Mesquitela Lima e não sei quem parece mais mestiço. Não posso nem desejo negar a existência de sangue negro nas minhas veias e porventura isso é um crime?... Só que provavelmente devo ter mais sangue europeu (português) do que o racista do Sr. Mesquitela Lima que se julga branco genuíno... muito embora ostente no rosto os caracteres da mestiçagem.

Por aquilo que conheço sobre Cabo Verde, suas gentes, costumes, cultura e o crioulo que todo o caboverdiano fala, sei que há uma pequena comunidade de naturais do arquipélago, na ilha da Brava que são brancos, porque de resto, a população das outras ilhas é constituída por mestiços (a maior percentagem de caboverdianos) e negros.

Durante muito tempo os portos de Cabo Verde eram escalados por navios procedentes da Europa, América, África e Ásia e as tripulações das embarcações cruzaram-se com caboverdianas, daí a proliferação de uma população não originariamente de raça branca, mas de pele clara. Muitos deles são louros, de olhos azuis.

Após o convívio que se realizou quando do lançamento do 1º Volume OS KYAKA DE ANGOLA uma senhora caboverdiana de pele clara e loura abeirou-se de mim e perguntou-me se havia estado em Angola onde ela viveu muitos anos. Respondi-lhe que havia nascido em Luanda. Disse-me depois que a cidade de Benguela tinha muitas semelhanças com a cidade da Praia pelo tipo da sua arquitectura colonial portuguesa e pelo colorido da sua população. Mas à cautela foi-me dizendo que a sua família portuguesa estava em Cabo Verde há 300 anos, dando a entender que na sua família não tinha havido cruzamento de raça... que eram todos brancos... que era prima do

Sr. Mesquitela Lima. Concluí daí ser mestiça muito embora tenha a pele clara e seja loura. Casos idênticos há em Angola e eu tenho alguns na minha família pelo lado materno.

Ao apresentar-me o marido um português de pele morena foi logo dizendo que ele era "português puro..." A minha resposta imediata não se fez esperar: "Portugal é um país de mestiços..." e a senhora entre espantada e incrédula desviou o rumo da conversa que de certo modo já não lhe agradava.

Quero deixar bem claro que nunca quiz passar com uma esponja sobre as minhas próprias origens rácicas. Nas minhas veias corre sangue africano e sangue europeu. Sou filho de um português já falecido à quem Angola muito deve e recorda com muita saudade. Meu pai era estimado pelos angolanos de todas as raças, aqueles que mais privaram com ele. Meu pai nunca foi racista porque senão nunca teria casado com uma mestiça filha de um português e de uma mestiça de Angola. Meu falecido pai era uma pessoa muito conceituada no meio africano de Luanda.

O regime colonial português estabeleceu três espécies de brancos: Os brancos de primeira (naturais de Portugal); os brancos de segunda (filhos de portugueses, nascidos em Angola); os brancos de terceira, epíteto dos mestiços de pele clara, naturais de Angola (filhos de pai branco e mãe mestiça ou vice-versa, vulgarmente designados por cabrito ou brancos sujos ou ainda brancos fuscos pelos restantes brancos que viviam em Angola. As duas últimas designações acabariam no entanto por desaparecer.

O Sr. Mesquitela Lima é uma pessoa além de racista, muito complexada, pois durante a projecção de slides por ocasião do lançamento do 1º. Volume OS KYAKA DE ANGOLA teve a desfaçatez de afirmar alto e bom som que ele tinha sido o primeiro europeu (para não dizer branco, talvez receoso) que chegara à Ombala Grande da Tshiaka. Qualquer menino de instrução primária, pelo menos no meu tempo, não ignora que o arquipélago de Cabo Verde faz parte da plataforma continental africana e que os seus habitantes são africanos e não europeus. No tempo do colonial fascismo, o regime favoreceu determinada elite caboverdiana, designando-a por europeia. Essa gente sentia-se muito lisongeada e julgava-se muito superior em termos rácicos aos naturais das outras colónias. Todos nós sabemos que ser africano não significa ser preto. Porventura os povos que habitam o norte de África são de raça negra? Os afrikans que povoam o território da África do Sul há pelo menos quatrocentos anos são pretos? Tanto uns como outros são africanos.

Em 1971, durante o nosso primeiro encontro com o então regedor da Catanda Sr. Venâncio da Silva Lambo, este contou-nos que não deixou de

75.01

ficar espantado quando um missionário norte-americano mestiço de pele clara, que na época visitou a Missão Protestante do Elende, lhe afirmou em português, ser negro (pelo menos no país dele era considerado preto). Tratava-se evidentemente de um mestiço quase branco e o Sr. Venâncio Lambo para citar um exemplo olhara para mim e para o Sr. Mesquitela Lima um pouco receoso e disse: "Sr. Doutor o americano que esteve aqui na Missão do Elende era cabrito como o Sr. e disse-me que na terra dele era considerado preto... Até parece mentira um branco passar por preto..."

O Sr. Mesquitela Lima olhando para mim e para o seu interlocutor respondeu-lhe com desprezo: "Na minha terra cabrito é filho de cabra..." dando assim a entender que não gostara do adjectivo e que era branco... Mas o Sr. Venâncio da Silva Lambo que também tinha familiares mestiços e conhecia muitos mestiços de pele clara, olhou para o Sr. Mesquitela Lima e riu-se. Nunca mais me esqueceu do seu riso trocista...

O Sr. Venâncio da Silva Lambo nem sequer quiz ofender o Sr. Mesquitela Lima. Se lhe chamou "cabrito" é porque esse é o termo pelo qual são denominados em Angola os filhos de homem branco com mulher mestiça ou vice-versa.

Com que intenção o Sr. Mesquitela Lima adjectivou de "mestico" só a mim e aos outros componentes da equipa que com ele trabalharam na região da Tshiaka figuram no seu 1º Volume OS KYAKA DE ANGOLA sem qualquer rótulo?

E para completar as considerações ao 1º. Volume da obra agora lançada esclareço que o Sr. Mesquitela Lima teve a desfaçatez de afirmar durante a intervenção por ocasião do lançamento do referido 1º. Volume que, em 1974, portanto depois do seu regresso de Paris em Junho ou Julho, não posso precisar, ele "tinha feito uma viagem à região dos Tshiaka" sobre a qual eu tenho as minhas dúvidas. Em Portugal a situação política era indecisa após a queda do regime e em Angola já se vislumbravam sinais de mudança. O país fervilhava como uma caldeira prestes a explodir... e viajar pelo interior era não só arriscado como perigoso. E as mentiras do Sr. Mesquitela Lima vão-se avolumando. Afirmou que em 1975 voltara à região dos Tshiaka onde já se falava na UNITA e no MPLA. Desejo esclarecer que, desde a formação do Governo de Transição de Angola em Janeiro de 1975 a situação política evoluía rapidamente e todos aqueles que estavam comprometidos com o regime anterior haviam feito as malas e partido para sempre. E nessa época o Sr. Mesquitela Lima já não se encontrava em Angola. Havia regressado com a família à Portugal, Pátria de todos os portugueses.

Só quem viveu em Angola os conturbados meses que precederam a independência daquela ex-colónia pode fazer uma ideia das aldrabices do Sr. Mesquitela Lima pelo menos no capítulo das viagens imaginárias à terra dos Tshiaka quando já se ouviam o som cavo dos obuses e dos morteiros e o matraquear das metralhadoras nas cercanias dos centros urbanos do interior dos quais a população branca, protegida pelas colunas militares do exército colonial, se retirava precipitadamente. Muitos portugueses traziam vestida apenas a roupa no corpo. Havia perdido os seus haveres.

Póvoa de Santo Adrião Outubro de 1988.



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA

75-01

Póvoa de Santo Adrião, 10 de Janeiro de 1989

Caro Seixas

1989 começou mal para a maioria dos portugueses porque terão que apertar ainda mais o cinto em virtude das medidas de austeridade levadas à cabo pelo governo de Cavaco Silva e pelo súbito agravamento dos impostos que vai tornar impopular a acção governativa do 1º. Ministro nestes próximos três anos. Deixemos a política de lado, muito embora nos afecte a todos.

Resolvi mandar a alma danada do Mesquitela Lima para as profundezas do inferno e esquecer-me em definitivo dessa diabólica criatura, mas não pus ainda de parte a <sup>hipótese</sup> publicação do artigo do qual lhe mandei fotocopia. Isso ficará para mais tarde. Não há pressa.

Em 28 de Outubro do ano passado escrevi-lhe a solicitar-lhe a devolução imediata e inadiável de dois artigos da minha autoria, dos quais lhe entreguei fotocópias em Outubro de 1987, com vista a publicação dos mesmos. O que acontece é que o patife não respondeu a minha carta, cuja fotocopia lhe envio para fazer parte da sua colecção de documentação recebida. Envio-lhe também fotocópias das páginas do livro de Mesquitela Lima devidamente sublinhadas para fazer parte da sua colecção de documentação recebida.

Junto envio também um exemplar do jornal O TRABALHADOR o qual insere na sua página 8 um poema da autoria de CARLOCA (meu pseudónimo). Dadas as dificuldades e os assuntos prioritários, o periódico não tem publicado qualquer artigo da minha autoria. Prometeram fazê-lo no decurso deste ano. Desta feita a minha contribuição estender-se-á também ao conto, no sentido de divulgar várias passagens do romance inédito que escrevi em 1963, o qual, devido as implicações de certo modo contrárias a minha forma de ser, nunca foi publicado. Uma coisa é o Povo Português, com qualidades maravilhosas de adaptação aos trópicos e extraordinárias qualidades de assimilação das culturas dos povos que colonizou. Outra é a política do governo colonial português em relação aos povos colonizados que oprimiu ao longo de muitos séculos, o que não obsteu que as nossas relações fossem boas e produzissem maravilhosos fenómenos sócio-culturais nos quatro cantos do Globo.

O meu tempo é escasso, porque a minha actividade laboral ocupa uma grande parte do dia, o que não impede ~~quaxtexasxtex~~ de escrever para os Amigos dos tempos do Antigamente da Vida (a frase é de Luandino Vieira) para lembrar um tempo que passou, em que as relações entre os homens eram possíveis. Desse passado recente ficou-me para sempre uma feliz recordação que jamais esquecerei.

Receba um abraço deste Amigo e que MIL NOVECENTOS E OITENTA E NOVE permita a realização das suas realizações.

Cardoso

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.7502

Póvoa de Santo Adrião, 28 de Outubro de 1988

Exm<sup>o</sup>. Senhor

Doutor Mesquitela Lima

Rua Alves Redol, 17-Cave-Esq<sup>o</sup>.

1000 L I S B O A

Venho por este meio solicitar-lhe a devolução imediata e inadiável de dois trabalhos da minha autoria: A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS ÁREAS CAMPESINAS DE ANGOLA. Contribuição para o seu Estudo. Luanda. 1980. Dactilografado. 45 páginas. Alguns Aspectos da Vida do Povo da Kisama. Luanda. 1976. Dactilografado. 16 páginas.

Os referidos trabalhos foram-lhe entregues em Outubro do ano passado para serem inseridos numa Revista da Universidade Nova de Lisboa conforme promessa feita verbalmente.

Como se esgotou o prazo que normalmente é atribuído a trabalhos para publicação e como eu já não estou interessado, agradecia que me enviasse por correio os referidos trabalhos que se encontram em seu poder.

Sem outro assunto, subscrevo-me

  
Carlos Alberto Lopes Cardoso

Praceta Florbela Espanca, Lote 19-3<sup>o</sup>-Dt<sup>o</sup>.

-QUINTA DA PALMEIRA - 2675 Póvoa de Santo Adrião.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo	FCS

75.02

dades desenvolvidas pelo Museu de Angola e do Instituto de Investigação Científica de Angola. Decorrido este primeiro período entre os Kyaka, voltámos a Luanda com os cadernos repletos de notas e de reflexões. Mas a investigação apenas começara...

Após cuidada organização e formação da equipa, em Julho de 1970 voltámos ao território kyaka e, desta vez, aí permanecemos três meses. A nossa equipa era composta por dois etnógrafos (Mateus Neto e Carlos Lopes Cardoso), uma ajudante-secretária (Maria Luísa Pólvora Dias), dois motoristas (Raul do Amaral e Augusto de Oliveira) e nós. Bem recebidos por toda a parte, começámos imediatamente a recolha dos elementos, a fim de melhor nos apercebermos da organização económica. Os etnógrafos, sob nossa orientação, empenharam-se em conseguir e realizar entrevistas sobre os tipos de cultura, a quantidade de grãos lançados à terra, o volume das colheitas para cada família ou unidade doméstica, os excedentes esporádicos entregues a certos chefes, a área dos campos e das hortas, as profissões, o rendimento per capita, etc. No entanto, sempre que tentávamos esquematizar os circuitos de troca, de distribuição e de redistribuição dos bens de produção e de consumo, éramos bloqueados pelo desconhecimento da natureza das relações de parentesco entre os indivíduos e os grupos. Mesmo quando chegávamos à apercepção destas relações, constataávamos que era necessário estudar previamente a história das genealogias e a sua articulação, com a finalidade de situar os interlocutores individuais das trocas económicas no sistema. Foi assim que, gradualmente, nos apercebemos de toda a trama do sistema de parentesco, o qual, por seu turno, nos conduziu a um melhor entendimento das relações políticas. Estas últimas revelaram-nos múltiplos aspectos da vida social, permitindo, igualmente, uma mais rigorosa compreensão da organização espacial. Sublinhemos que foi necessário "passar a pente fino" alguns conjuntos da rede de parentesco. Os resultados eram, frequentemente, decepcionantes, dado termos verificado que grande número de informações eram falseadas, não porque nos quissem deliberadamente enganar, mas porque estavam absolutamente convictos da veracidade dos dados. Tal aconteceu em relação a algumas genealogias, que fomos obrigados a refazer desde o início. Em alguns casos, vimo-nos constrangidos a abandonar o respectivo

próximo das autoridades portuguesas, praticava, segundo constava, jogo político duplo, satisfazendo igualmente os notáveis do clã. Em 1973, foi "eleito" (na verdade a eleição mais não foi do que uma nomeação pela administração colonial) para a Assembleia Legislativa de Angola, como representante do seu território. Foi-nos bastante útil, dado conhecer tudo o que se passava no território. Convém acrescentar que, talvez pela confiança que nele depositavam as autoridades portuguesas, era, de certo modo, temido por alguns chefes indígenas.

— Mbonge: chefe da aldeia Tchimpuluku. Muito idoso, rondando os oitenta anos, este notável mostrou-se um colaborador precioso, no que respeita ao estudo das relações históricas dos Kyaka com as etnias vizinhas.

— Ngala: chefe *soma*, muito idoso, que nos auxiliou na elaboração de várias genealogias do seu próprio clã *kinjenji* (ver genealogia, 3.º volume). Inicialmente, foram difíceis os primeiros contactos com este chefe: estava firmemente convencido da sua importância, recusando-se a falar se não estivessem presentes os seus notáveis. Depois, as relações amenizaram-se.

— Neto, Luís Lopes da Silva, muito jovem, tendo apenas 25 anos, professor do ensino primário na aldeia da cõrte do "rei". Conhecendo bem a História e a cultura do seu povo, pudemos clarificar, com o seu auxílio, diversas questões da nossa pesquisa da região de Kinjenji. Foi também o narrador de uma das versões da História kyaka, apresentada neste trabalho.

— Ndumbu Nogueira: chefe da região de Tchirimba, sexagenário, grande conhecedor da História do seu povo e, igualmente, da dos Bailundu, Wambu, Mundombe e Sanji, etnias, vizinhas dos Kyaka. Todas as informações sobre estas etnias, eram idênticas às recolhidas "in situ", com excepção de alguns detalhes de somenos importância. (ver genealogia, 3.º volume).

— Sakulanda: "regedor" na região de Kinjenji, homem de confiança das autoridades portuguesas (ver genealogia, 3.º volume). Mau grado a sua "burocratização", este informador foi de grande utilidade: as suas informações permitiram-nos que corrigíssemos outras sobre genealogias e natureza das relações de parentesco no território dos clãs *kinjenji* e *tchikoko*. Sakulanda, de cinquenta

zada em Luanda, embora seja importante referir que éramos o único membro com formação universitária.

Carlos Lopes Cardoso, com cerca de quarenta anos, mestiço de português e angolana, é um dos homens que se fazem por si. Tínhamos reparado na sua extrema curiosidade pela História de Angola, tendo já publicado alguns artigos, inspirados em documentos que encontrava no Arquivo Histórico de Angola. Pensando que poderíamos fazer dele um etnólogo de terreno, convidámo-lo a acompanhar-nos ao território kyaka. Aceitou o nosso convite, tendo prestado a sua colaboração na realização das investigações que referiremos mais adiante. Sofrendo, porém, de um pequeno defeito físico — coxeava um pouco — e sendo dotado de uma saúde frágil, eram extremamente penosas as caminhadas que, como de costume, fazíamos no território montanhoso dos Kyaka. Deste modo, foi necessário deixá-lo nas aldeias, vindo buscá-lo mais tarde. A sua curta experiência de terreno conduziu-o ao estudo de uma etnia localizada nas proximidades de Luanda, tendo publicado o livro, "Os Axiluanda", Luanda, Ed. O Livro de Angola, 1972.

Mateus António Neto, era um outro membro da equipa. Angolano letrado, tinha trabalhado, durante muito tempo, no Departamento de Ciências Humanas do Instituto de Investigação Científica de Angola. Sem formação académica específica, Mateus Neto revelou-se um precioso auxiliar, dotado de grande curiosidade e vontade de tudo saber, acerca da pesquisa etnológica. Bem aceito pelos Kyaka, aprendeu rapidamente a língua local, o que muito facilitou o inquérito levado a cabo entre os grupos e famílias.

Maria Luísa Pólvora Dias, secretária do nosso grupo, tinha uma grande experiência de documentalista e de museografia. A sua meticulosidade no manuseamento das informações e documentos, muito nos facilitou a tarefa de recolha nos arquivos locais e regionais. A sua condição de mulher, permitiu-nos penetrar alguns domínios da "cultura feminina" dos Kyaka que, de outro modo, não teria sido possível.

Raúl do Amaral, já falecido e Augusto de Oliveira, eram os condutores das viaturas que nos haviam sido destinadas. O primeiro, não obstante a sua aparência, tinha quase sessenta anos de idade e, embora tivesse sido contratado como condutor, gostava de nos acompanhar, a pé, sem mostrar qualquer sinal de fadiga; o

Póvoa de Santo Adrião, 4 de Julho de 1989

Meu Caro Amigo Seixas

Antes de mais, desejo pedir desculpa pelo tempo que levei a responder à sua última carta, datada de 9 de Abril de 1989 e agradecer ao mesmo tempo o catálogo que me enviou na mesma data e um outro para o nosso Amigo comum João Martins que ainda não lhe foi entregue por toda uma série de contratempos, mas do qual ele já tomou conhecimento e ser-lhe-á entregue pessoalmente logo que ele vier à minha casa, que frequenta pelo menos duas vezes por ano. Como deve saber, o Martins está aposentado, por tal motivo dispõe da maior parte do tempo, com excepção da sua ocupação sem fazer nada... o que é realmente uma pena porque ele é uma pessoa bastante habilidosa. A vida aqui na Europa à qual ele dificilmente se adaptou e a sua forma própria de passar o tempo sempre agarrado ao copo... foram factores que mais contribuíram para ele deixar de fazer algo importante na vida. Ele reside no Cacém aqui perto de Lisboa, em casa de familiares. O Endereço dele é:

João de Castro Martins

Rua Adriano dos Santos Gil, 18-1º.-Esqº.

AGUALVA

2735 - CACÉM

Neste momento estou de férias, férias passadas em casa, porque o dinheiro nem dá para mandar cantar um cego... E como estou de férias, vou aproveitar os trinta dias para me agarrar ao trabalho. Uma velha aspiração que nasceu em 1982 quando cheguei à minha Pátria. Estou a escrever um livro sobre Angola que nem sei se será publicado. Mas como tenho necessidade de fazer alguma coisa, eis a razão pela qual me dedico com alguma teimosia à tarefa iniciada em 1982 e com longas paragens. O livro abarca quinhentos anos de dominação colonial em Angola. Dada a diversidade de material que consegui compilar durante os anos que trabalhei no Museu de Angola e tudo aquilo que fui observando ao longo de quarenta anos, passando pela situação colonial, conflitos sociais, guerra colonial de 1961 a 1974 e o êxodo dos portugueses daquela que foi a mais harmoniosa, maior e mais rica colónia portuguesa. É um trabalho demasiadamente grande e ambioso, mas eu, agora, depois de tantas frustrações estou resolvido à levá-lo a bom termo. Se tiver vida para o concluir e possibilidade de o publicar, um exemplar será para o meu Caro Amigo Artur Manuel do Cruzeiro Seixas à quem me liga uma amizade sincera de muitos e longos anos, os anos que vivemos na mais franca e sã camaradagem quando trabalhávamos no Museu de Angola. Os anos passaram, nasceram-me muitos cabelos brancos, mas a minha memória continua fértil.

Não queria terminar sem lhe contar resumidamente um acontecimento passado há alguns dias: Eu subia a rua do Lumiar (uma rua velha à norte de

Lisboa) e de repente veio alguém à bordo de uma viatura, chamar-me. Olhei e para espanto meu, vejo o tratante do Mesquitela Lima. Exitei uma fracção de segundo, mas para não passar por cobarde aproximei-me da viatura que aguardava na bicha e sinal de semáforo, conternei-a e acedi a entrar nela. Disse-me que queria falar muito comigo já com o carro em andamento. Eu ia ali perto apanhar a camioneta para minha casa e ele seguia para o centro da cidade. Insistiu que queria falar comigo, mas como eu disse que tinha pressa, acabou por parar o carro e eu apeei-me, dizendo-lhe que se quizesse falar comigo me telefonasse. Ainda ouvi ele dizer que eu era muito apressado.

Fiquei sem saber se o interesse dele em falar comigo estava relacionado com o artigo que eu enviei para si e que não cheguei a publicar, mas pela expressão de seu rosto e pela voz autoritária depreendi que sim ou se não seria para me voltar a aldrabar sobre os dois artigos que há mais de um ano lhe entreguei para serem publicados numa revista da Universidade Nova de Lisboa, conforme promessa sua, dos quais resolveu apoderar-se como se de propriedade sua se tratasse.

Não estou receoso da sua "fúria" em virtude das acusações que faço no referido artigo, do qual enviei fotocópia para várias pessoas amigas. É muito provável que alguém lhe tenha dado conhecimento do assunto.

Bom, deixemos o Mesquitela a viver o seu sonho de grande investigador da ficção científica e de seu Doutoramento pela Ecole de Autes Études da SOURBONNE de Paris à custa da sua esperteza e da sua falta de escrúpulos quando resolveu fazer chantagem com o Cannas Martins já falecido, depois de o haver encontrado cavalgado impontentemente a mais bela égua do IICA.

Um abraço deste Amigo das terras africanas

Cardoso